

## CADEIRA N.º 7

*Patrono:* Clóvis Beviláqua

*Vaga:* Falecimento de Mário Linhares

*Recepiendo:* Hugo Catunda

*Recepiendário:* Nertan Macedo

*Data da posse:* 15 de agosto de 1966

NERTAN MACEDO DE ALCÂNTARA. Filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara, nasceu na cidade do Crato, em 20 de maio de 1920. Jornalista. Historiador, poeta. Técnico de Administração. Publicou: *Caderno de Poesia* (1949); *Aspectos do Congresso Brasileiro* (1956); *Cancioneiro de Lampião* (1959); *Rosário, Rifle e Punhal* (1960); *O Padre e a Beata* (1961); *Capitão Virgulino Ferreira, Lampião* (1962); *Memorial de Vila Nova* (1964); *O Clã dos Inhamuns* (1964); *O Bacamarte dos Mourões* (1966); *O Clã de Santa Quitéria* (1967); *Dois Poetas Pernambucanos* (1967); *Cancioneiro de Lampião e Capitão Virgulino Ferreira, Lampião* (1968); *Antônio Conselheiro* (1969); *O Padre e a Beata e Rosário, Rifle e Punhal*, reunidos num só volume (1969); *Floro Bartolomeu (O Caudilho dos Beatos e Cangaceiros)* (1970); *Cinco Histórias Sangrentas de Lampião*, dois volumes de bolso (1970).

---

### *Hugo Catunda*

Havia na Escola de Atenas um pequeno cerimonial destinado à recepção dos que se iniciavam nos ensinamentos da filosofia socrática. Breve e simples, sem alaridos verbais nem as vibrações dos vinhos capitosos da Trácia que tumultuaram as tertúlias dos átrios de Academus, nem por isso o singelo acolhimento aos iniciados de Sócrates desvestia o encanto ático da espiritualidade helênica, suavemente esmaltado na lírica denominação daquele rito, — a Festa da Esperança — com a qual se estimulava o interesse dos neófitos pela doutrina espiritualista que aflorava em continuação à sofística de

Protágoras, marcando um instante decisivo na evolução do pensamento antigo. Era, assim, uma consagração que aos novos se antecipava através da manifestação festiva de uma esperança que não devia falhar, mas, ao invés disto, teria de afirmar-se em tempo breve, pela aquisição da sabedoria, para os torneios dialéticos da filosofia clássica.

Bem diferente, sr. Nertan Macedo, é a festa com que vos recebemos no brilho desta noite acadêmica, pois, ao contrário do festim simbólico dos filósofos atenienses, ela constitui não uma simples esperança, mas a consagração definitiva de méritos primos e sobejos já afirmados pela vossa obra cultural, e que há muito vos asseguravam direito indiscutível a um dos lugares desta Casa.

Não viestes, pois, bater às portas ilustres da Academia, porque elas já vos estavam abertas para a acolhida calorosa e fraterna. Nem aqui chegais como os que, empós longa caminhada na colheita pródiga de louros, procuram apagar a luz do seu brandão, para repousar tranqüilos sobre a imortalidade e os lauréis do renome.

Se lá fora já fizestes muito, se muito já colhestes na vindima iluminada dos sonhos, das idéias e do pensamento em que o vosso espírito engalanou-se para a oferenda lírica dos frutos, aqui muito tereis ainda de sonhar e realizar no campo da inteligência e da cultura, sempre ricos de atrações para a intensa sensibilidade do vosso espírito. É que pequena não será, de certo, a tarefa que vos aguarda, na obra ímpar que a Academia Cearense de Letras, há mais de meio século, vem realizando pelo maior brilho do nosso renome cultural, pelo prestígio das nossas letras, pela preservação do nosso patrimônio artístico e pelo estudo das nossas singularidades físicas e das características étnicas e sociais que nos condicionam a vida e explicam o nosso comportamento, face aos rudes e irremovíveis determinismos telúricos que nos subjagam. E a certeza de que aqui bem cumprireis a vossa missão, ressalta do sentido mesmo por que tendes sabido conduzir a vossa própria existência, toda ela dedicada ao serviço da cultura e da sua exaltação, ao amor do Belo e do Sensível, numa peleja

lúcida e fecunda, cujos frutos opimos nos asseguram a abundância de outros tantos que, nesta Casa, por igual, tereis de colher.

E se me permitis discretear um pouco sobre essa peleja que vos enobrece o nome, eu recordaria, de início, que, por entre os abrolhos e os cerrados que cobrem o caminho de todas as lutas, a vossa iniciou-se singularmente, abrindo clareiras de suavidade e harmonia. É que, no alvorejar da vida, aos dezesseis anos de idade, já versejáveis, e apareceram, então, na província, os vossos primeiros livros de versos, bem recebidos pela crítica literária que exaltou, sem reservas, a vossa estréia no mundo orquestral dos ritmos.

Mas a vossa definitiva afirmação poética no plano nacional, nos veio com a publicação, no Rio de Janeiro, do vosso *Caderno de Poesia*, com honrosa e consagrada apresentação de Ledo Ivo e festivamente recebido pelos mais distinguidos críticos de literatura e de arte da antiga Capital da República. *Caderno de Poesia* é, sem dúvida, um documento expressivo de como soubestes realizar o culto da forma em função da beleza. E para alcançar este recurso estético, procurastes, antes de tudo, ser autêntico, não vos prendendo ao ritmo convencional e uniforme de certas correntes literárias, no qual a expressão formal, os símbolos e as imagens à míngua de espontaneidade e fluência, e à força de serem repetidas, perdem, inevitavelmente, o seu poder de sugestão. Voltastes-vos, ao invés disto, livremente para a própria inspiração sentida e vivida intimamente, e que tão bem soubestes traduzir na expressão da vossa poesia, na qual se refletem originalmente não só a vossa visão da vida, das suas motivações e das cousas que a exaltam, senão também as tonalidades delicadas do vosso temperamento e da vossa natureza humana. Com efeito, a vossa visão da vida, ao lado da vossa aguda receptividade sensitiva, em contato com o mundo exterior, e dele recebendo o influxo dos seus dramas e das suas emoções para estilizá-los em suaves afirmações estéticas, constituem o centro e o destino da vossa poesia de vigorosa imaginação onde se misturam, magnificamente, um poético sensualismo e

uma suave sensação de espiritualidade, transparecendo em alegorias e imagens de sugestiva beleza. Dir-se-ia que aparhastes a lição dos que insinuam — *cria o teu ritmo e criarás o mundo*. Daí por que fostes original e marcante pela sinceridade e pela arte de expressão, sugestivo pela nobreza da sensibilidade e afirmativo pelo vigor da vossa mensagem lírica. Entre os delírios e os desmantelos de tantos versos informes e imitados que andam por aí, a vossa poesia toma realmente a feição de alguma coisa diferente e repousante, com as suas evocações sentidas, com a sua inspiração, com a sua musicalidade, com a sua beleza formal e expressional. É que não fizestes versos ao acaso, impulsionado simplesmente pela força criadora da vocação natural, mas, sobretudo, pelo sentimento inspirador que vivia em vós mesmo, e tão bem soubestes ordenar na escala da beleza artística. Aliás, a poesia está presente em toda a vossa obra literária. Nos vossos livros, na prosa erudita, quando versaís assuntos não poéticos, sente-se, realmente, aqui e ali, o toque ligeiro da sua presença sutil e amena, suavizando a objetividade dos temas e a natural aridez das narrativas.

Mas, por que pretender ir além, analisando a vossa obra poética, eu, que de versos nada sei, e, apenas, por um dom que Deus concedeu a todas as criaturas, sinto a poesia que ressaí, visível e tocável, da harmonia e até dos contrastes do mundo exterior, espelhando-se nas paisagens amenas que enfeitam e opulentam as formas infinitas da natureza? Prudente é ficar por aqui mesmo, atento ao conselho de Apeles, e lembrado do insucesso de certo fidalgo napolitano que se bateu em duelo catorze vezes para provar que Dante era superior a Ariosto, e, ao falecer, vítima do ferimento recebido no último desses duelos, confessou melancolicamente que nunca entendera Dante nem Ariosto.

Já se afirmou que o poeta não tem o direito de ser outra coisa senão poeta. O conceito, como vedes, sr. Nertan Macedo, parece não comportar restrições, e prende o destino do artista à perenidade cantante do sonoro destino da cigarra. Mas a verdade é que os poetas, talvez porque muito esvoa-

çam pelos internúdios do sonho, não raro atravessam as fronteiras luminosas da sua arte, e se revelam, além, em outras formas de realização, embora o sinal de nascença permaneça indelével e inspirador, no prisma fantasista da imaginação criadora. Sois um destes que, atuando em outras formas de vida, sempre guardaram fidelidade à poesia, cuja presença reponta na harmonia e na humanidade dos gestos e das atitudes que definem o seu comportamento em outras latitudes. Porque foi, com efeito, o poeta disfarçado no prosador, no escritor brilhante, no pesquisador paciente e arguto, quem nos deu, também, tantos outros livros sobre temas e assuntos ligados intimamente com a paisagem nordestina, e nos quais estão desenhados com forte relevo artístico e com os tons frementes da realidade cósmica, a agrestia da terra ensolarada, cujos cenários e perspectivas, colhidos na infância, se fixaram, com nitidez, na vossa memória visual, permanecendo impressos na retina sentimental da vossa alma de artista. As vossas obras que nos vieram depois dos vossos livros de poesia, numa fecundidade raramente alcançada pelos escritores da vossa idade — *Cancioneiro de Lampião*, *Rosário*, *Rifle e Punhal*, *Aspectos do Congresso Brasileiro*, *O Padre e a Beata*, com prefácio de Jorge Amado, *Memorial de Vila Nova*, *Capitão Virgulino Ferreira Lampião*, com apresentação de Adonias Filho, da Academia Brasileira de Letras, *Clã dos Inhamuns* e *O Bacamarte dos Mourões*, enriquecem a vossa bagagem literária não só pela quantidade, senão também e especialmente pelo mérito, pela atração e interesse que realmente despertam. Não me seria possível, no breve espaço de uma saudação protocolar, referir-me particularmente a cada um dos vossos livros, bastando assinalar, para ressaltar a justa irradiação do vosso nome e da vossa fama de escritor, a simpatia e a consagradora receptividade com que os acolheu a crítica literária nacional. Mas, não me corro de referir-me, ainda que de passagem, a alguns dos vossos livros que mais me sensibilizaram e aumentaram em mim a admiração que já tributava à vossa impressionante personalidade literária. Antes, porém, desejo assinalar que, distante do Ceará, num meio ultra-civilizado e

absorvente como o Rio de Janeiro, tão cheio de atrações sedutoras, capazes de transformar o pensamento e as tendências dos que delas participam, guardastes, indelevelmente, a nostalgia cósmica, a lembrança sentida e amável da terra natal, dos seus mares lendários, das suas serras e dos seus sertões cheios de silêncios e às vezes de assombros, com a sua gente triste e poética, também cheia de bravura e canções, de credices e misticismo. A paisagem distante e essas figuras humanas que a povoam, estão, com efeito, presentes em quase todos os vossos livros — animadas, ingênuas e boas, em definições autênticas e vibrações vitais. A introdução do vosso livro *Capitão Virgulino Ferreira, Lampião*, no qual descreveis o mundo e a geografia do herói sinistro, ou seja, como bem os denominais, o país dos nordestinos, é, por exemplo, um capítulo evocativo de impressionante beleza e realismo, e valeria, por si só, o livro, não fora todo ele uma viva atração, rica de interesse e curiosidade para quantos leram aquelas páginas épicas sobre a vida trágica do Rei do Cangaço. Com efeito, situando-vos entre a simplicidade impressionista de Gustavo Barroso, em *Terra de Sol*, e a ênfase frondejante de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, fixastes com autêntica originalidade e admirável poder descritivo, a natureza física e as nuances todas representativas da realidade telúrica, o quadro amplo e sugestivo do país dos nordestinos, que ressai de vossas páginas com uma serena beleza, vibratilizada por uma linguagem concisa e adequada, sem angulosidades rudes nem arrebatamentos flamejantes. Há, em tudo, um colorido novo e um ressaltado, a um tempo vigoroso e sereno, quase cantante, à maneira de uma rapsódia torrencial por onde fluem, na fixação do complexo e ecológico, todas as singularidades da paisagem geográfica e humana, refletindo, agudamente, angústias e grandeza de uma terra torturada pela inclemência climática e de uma raça de heróis e sofredores que guarda intactos a rijeza, as qualidades morais e o sentimentalismo de sua origem étnica, ainda não desfibrada pela intrusão do cosmopolitismo deformador. Dispondo de seguros recursos verbais e grande poder de síntese, aliados a uma viva

memória das causas, longe de sobrecarregar a tela com as cores irreais da imaginação exaltada, ou minúcias perturbadoras da visão do conjunto, servistes-vos da descrição concisa, fluente e impressionante que, ferindo a imaginação, nos obriga a uma pausa na leitura da introdução do vosso livro, para a contemplação mental dos quadros e cenários ali fixados em largas pinceladas. Cada escritor vê, através do pensamento, as cenas e os fatos que descreve, a realidade que pinta e as imagens que evoca. O que lhe cabe evitar é que a visão pessoalíssima se deixe perturbar pela vibração emotiva, de modo a alterar a objetividade das cousas, sobrepondo-a à sua mesma realidade que pode ser evocada a cores fortes, mas nunca deformada pelos artifícios da imaginação fantasista. Certo, este dom de equilíbrio, esta capacidade viril de reproduzir a objetividade do mundo real sem a deformar pela forte sugestividade das impressões, e de manter, em toda a pujança, a personalidade própria na impressividade dos cenários naturais e dos quadros que evoca, é o traço dos escritores que jogam com estilo próprio, é a vigorosa característica dos mestres da prosa. Este dom de equilíbrio, bem o revelastes naquelas páginas de sóbria beleza, eruditas e picturais, nas quais, sem as névoas da imaginação fértil que desluzem e esfumam os contornos dos quadros reais, descreveis o país dos nordes-tinos, situando-o com os verdadeiros tons da realidade cósmica entre o sertão fabuloso de Coelho Neto, cheio somente de solitários desesperos e o sertão lírico de Afonso Arinos, cheio de lianas verdes e do ácido perfume das flores silvestres.

O vosso apego às cousas da terra, este prazer de esmiuçá-las e de reproduzi-las, com afetividade, nas páginas dos vossos livros, vos levaria, fatalmente, à curiosidade, ao desejo de ir além, de pesquisar na tradição e na heurística cousas e fatos tão mais distantes, que colorizaram a nossa história e dramatizaram a vida do homem, antes não alcançados, ainda, pelo raio projetante da vossa visão de artista. Daí o historiador em que, por fim, vos revelastes, de maneira talvez surpreendente para os que ainda não haviam atinado para os rumos indesviáveis que vos conduzia o sentido regionalista da

vossa obra literária. E, no vosso caso, a história não roubou à arte o seu expoente, pois a história também é arte pelo sentido da expressão, pela revelação e avaliação dos valores históricos, quando evocados e identificados através de uma composição literária de perfeição estilística e de sabor artístico. Na antiguidade clássica, os gregos já pensavam assim, e até opinavam que a própria filosofia, no mesmo sentido da expressão, devia guardar uma conceituação artística. A obra de Bergson, por exemplo, é uma obra de filósofo no conteúdo, e de artista na forma, o que por igual, em relação à história, verifica-se em Taine, nas suas *Origens da França Contemporânea*, e em Macaulay, o imortal autor do *Ensaio de Crítica Histórica*. O que não fizeram eles — porque nem Taine seria autêntico historiador, nem Bergson autêntico filósofo — foi fantasiar a história e a filosofia com o objetivo de torná-las mais artísticas e mais agradáveis ao grande público.

Quando escrevestes os vossos livros de História — *Clã dos Inhamuns* e *O Bacamarte dos Mourões*, não vos afastastes destes conceitos, nem desdenhastes a vossa vocação artística, pois os fizestes também com o emprego de recursos estéticos, sem, no entanto, contrariar a regra de que, na reconstituição histórica dos fatos e das suas personagens, o que se deve ter em vista é o que eles representam realmente, e não o que, na simpatia e na imaginação do historiador, passam a ser idealmente. A vossa experiência literária no campo da historiografia é realmente afirmativa, especialmente porque também não incidistes na falsa concepção criadora dos autores de história e biografias romanceadas, nas quais a fantasia supera o conteúdo histórico e as suas obras, ao invés de representarem uma arte naquilo em que a expressão histórica pode ser artística, passam a ser simplesmente uma arte pelo aproveitamento do conteúdo estético que os fatos históricos possam encerrar. Nos vossos livros sobre História, ao lado da agudeza com que encarastes os assuntos, da perfeição da forma e do senso de *humour*, colocastes — mas em plano superior, — os fatos em si mesmos, com a honesta preocupação de não deformá-los, mas, ao contrário, de situá-los dentro da sua real perspectiva,

da sua evidência e realidade. Para isto, graças a uma pesquisa paciente e a uma farta documentação valorizando datas, detalhes e episódios muitas vezes ainda ignorados, chegastes também a desfazer equívocos e fantasias, a destruir lendas e mitos radicados na tradição deturpada e no íntimo da credulidade fácil, reabilitando a verdade histórica pela revelação de fatos até então ignorados, com o que, além do mais, fizestes autêntica obra de revisionismo. *Clã dos Inhamuns* e *O Bacamarte dos Mourões* ganham, porém, maior dimensão, quando, na verdade, situam-se dentro de um plano novo de revelação histórica, pela feição inédita do assunto que versam. Para os que os leram sem espírito analítico e interpretativo, poderão parecer simples e bem contadas histórias novelescas de façanhas, de tragédias e espoliações. Mas, o que ali existe, na verdade, são autênticos e ainda não contados capítulos da história da nossa formação social, marcada, no seu início, de lutas e paixões, de individualismos e arrogâncias dos grandes e poderosos grupos familiares que senhoreavam a terra e asentaram nela a imensa base física do seu incontrastável domínio econômico e social. Certo, Capistrano de Abreu, o primeiro dos nossos historiadores a versar o problema da nossa formação social, traçou, em linhas gerais, a sua estrutura, dando-nos, em síntese, a sua visão panorâmica. Por outro lado, Oliveira Viana, versando o tema com mais profundidade e espírito científico, o encarou, porém, somente em face da sistemática das nossas instituições político-jurídicas e da sua relação com os fenômenos emergentes das formas disciplinadoras da vida civil e política das velhas elites agrárias e do povo-massa que a distância social lhes subordinara. Adotando critério sociológico inverso, Gilberto Freire fixou e analisou os aspectos variados da vida e dos costumes das velhas elites agrárias que se valorizaram socialmente em torno do engenho, desde os faustos até a decadência da Casa-Grande. Mas, até então, nenhum dos nossos historiadores se havia detido diante das grandes famílias que fundaram a sociedade brasileira, desses clãs em cuja cadeia rácica como que se percebe melhor a coesão das eras, a unidade consangüínea do Brasil que aju-

ciaram a formar, construindo a sua casa patriarcal, devassando-lhes os sertões, alargando-lhe as suas fronteiras, disciplinando a sua vida coletiva. Como reagiram os colonizadores ante a pressão ecológica, para estender os limites sem fim do seu domínio sesmeiro, num sertão agressivo ainda ocupado pela indiada selvagem, como se organizaram os primeiros grandes grupos familiares, interrelacionados pela endogomia e por interesses de domínio não raro conflitantes, como daí surgiram as lutas enraivadas, ao golpe das adagas e ao estrondo dos bacamartes: como essas lutas repercutiram, envolvendo a comunidade toda, dividindo os clãs, gerando querelas e intrigas que se eternizavam no fermento dos ódios ancestrais — tudo isto que esbraseou a infância da nossa formação social, em algumas regiões do Brasil, com efeito, não fora ainda miudamente revelado. Coube-vos, sr. Nertan Macedo, iniciar esta tarefa meritória porque, antes de vós, não sei quem o tenha feito com tanto ineditismo, com minúcias tão ricas, com tanto realismo e impressividade como os que registam as páginas de *Clã dos Inhamuns* e *O Bacamarte dos Mourões*.

Se, como é evidente, a interpretação dos fenômenos históricos e sociais deve ser procurada na sociedade mesma nos valores que a integraram originariamente na evocação e análise dos fatos e das ações e reações que caracterizaram a acomodação e o comportamento dos grupos humanos no meio físico de sua fixação, nos processos associativos de vivência e interrelação e nas instituições que criaram, com reflexos na vida social e política das gerações posteriores, — os vossos livros sobre a história dos clãs nos oferecem, agora, estas fontes e os elementos mais preciosos, indispensáveis aos estudos interpretativos da sociologia regional.

Toda a vossa obra literária, assinalada por sucessos tão relevantes, somada às vossas atividades jornalísticas, na Província e no Rio de Janeiro, onde fostes redator político e literário de muitos dos órgãos mais importantes e tradicionais da imprensa carioca, — constituem o justo garbo com que vos projetais no cenário das letras pátrias.

A Academia é como o grão de trigo que se renova sempre em outras vidas, à mercê e à graça dos outonos. Sois, sr. Nertan Macedo, uma destas novas vidas que aqui abroham da perenidade fecundativa da semente maravilhosa, para a imortalidade do pensamento e da beleza. E entre nós não chegais de mãos vazias, mas, ao contrário, trazendo para o altar litúrgico do nosso culto, a grata oferenda de tantos frutos excelentes que já colhestes na seara das letras. E com eles, trazeis, igualmente, a chama viva de um ideal onde a arte e a inteligência florescem e irradiam para aumentar, ainda mais, as cintilações do espírito criador e o prestígio das letras acadêmicas, na mansão helênica das suas graças.

Ainda na ridente primavera da vida, quando os sonhos mais enfeitam as esperanças, sois, agora, por isso, o mais moço de todos nós, o Benjamin deste Cenáculo que assim vos recebe e saúda com os mimos mais afetivos que o caçula sempre disputa aos irmãos mais velhos.

Entrai, pois, sr. Nertan Macedo: a casa vos pertence.